

ARTIGO

HISTÓRIA ORAL E PROTAGONISMO FEMININO: Caminhos pedagógicos para o Ensino Fundamental I

Thaís BATTIBUGLI¹

Julia Beatriz Rodrigues COIMBRA²

Nataly Rosa da COSTA³

Nathália Vitória de Oliveira ASSIS⁴

Matheus Luiz de Souza CÉFALO⁵

Resumo

Este artigo foi desenvolvido através do método de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, abordando a relevância da perspectiva feminista na pedagogia e sua relação com a inserção da história das mulheres para promoção da consciência feminista desde a Educação Básica. Assim sendo, o problema de pesquisa baseou-se na falta de literatura acadêmica para o ensino de história das mulheres nos anos iniciais da educação brasileira, gerando a hipótese de que a história oral possa ser uma abordagem adequada para o objetivo de propor um projeto de história oral das mulheres para o Ensino Fundamental I, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular. Logo, foram criados cinco planos de aula que buscam articular os autores da pedagogia feminista com os autores do método de história oral e ensino de História. Conclui-se que o projeto pode contribuir para inovação na área da pedagogia feminista no Brasil e que futuras pesquisas podem indicar uma avaliação prática dos planos de aula propostos.

Palavras-chave: Pedagogia feminista; Ensino Fundamental I; História oral; História das mulheres.

Abstract

This article was developed through a qualitative bibliographic research method, addressing the relevance of the feminist perspective in pedagogy and its connection with the inclusion of women's history to promote feminist consciousness from basic education. The research problem was based on the lack of academic literature for teaching women's history in the early years of Brazilian education, leading to the hypothesis that oral history could be an appropriate approach for the goal of proposing an oral women's history project for Elementary School, in accordance with the National Common Curricular Base. Therefore, five

¹ Licenciada em Pedagogia e História. Bacharel em Direito. Mestre em História Social. Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP).

² Discente de Pedagogia do Centro Universitário Padre Anchieta (UniAnchieta).

³ Discente de Pedagogia do UniAnchieta. E-mail: contato.natalyrosa@gmail.com.

⁴ Discente de Pedagogia do UniAnchieta. E-mail: vitoria.deonathalia@gmail.com.

⁵ Docente do curso de Pedagogia do UniAnchieta. Historiador e Sociólogo. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

lesson plans were created, aiming to integrate feminist pedagogy authors with authors of oral history methods and history teaching. In conclusion, it is determined that the project contributes to innovation in the field of feminist pedagogy in Brazil, and future research may offer a practical evaluation of the proposed lesson plans.

Keywords: Feminist pedagogy; Elementary Education; Oral history; Women's history.

Introdução

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa⁶ desenvolvida na disciplina de Pesquisa e Trabalho de Curso (TC) de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Padre Anchieta (UniAnchieta), que buscou abordar a relevância da história das mulheres, desde o Ensino Fundamental I, sobretudo através da história oral, investigando vivências silenciadas das mulheres na historiografia clássica.

A relevância deste trabalho está no fato de acreditar-se que a educação feminista brasileira possa ser contemplada com novos estudos em prol dos valores da cidadania e equidade. Dessa forma, buscou-se fornecer material teórico com vistas à promoção da consciência social de meninas e mulheres enquanto grupo político. Trata-se, portanto, de uma reflexão fundamental para expansão do movimento feminista.

Tal reflexão é importante, pois, de acordo com Hooks (2018), o feminismo de massa midiática, apropriado pelo neoliberalismo, reduziu a causa das mulheres à igualdade de gênero, em uma luta para que elas possam ter os mesmos direitos que os homens têm. Nesse aspecto, a autora traz à memória dos interlocutores a causa inicial do movimento que, em sua origem, tinha a intenção de romper com o sistema patriarcal, e não de incluir as mulheres nele.

Diante do exposto, Hooks (2018) acredita no feminismo como um movimento que busca finalizar o sistema sexista e sua opressão e exploração, enfatizando que o movimento não é anti-homens, uma vez que o sexismo se revela através de pensamentos e ações derivadas de uma estrutura social que influencia o pensar de homens, mulheres e até crianças.

Partindo desse pressuposto, a socialização com valores sexistas está presente em diversos ambientes, sendo a escola uma das instituições que, através do ensino, vêm

⁶ Pesquisa intitulada *História oral das mulheres para o Ensino Fundamental I*, desenvolvida sob orientação da Profa. Dra. Thaís Battibugli e coorientação do Prof. Me. Matheus Luiz de Souza Céfalo, aprovada, em defesa pública, em junho de 2025.

perpetuando essa socialização dominante (Hooks, 2021). Entretanto, os homens se beneficiam dessa estrutura e as mulheres, quando se percebem oprimidas, desenvolvem a consciência para questionar como esse modelo patriarcal institucional iniciou-se e permanece sendo opressor (Hooks, 2018).

Logo, é necessário revisar nosso papel na estrutura social, desconstruindo imagens patriarcais e propiciando novas possibilidades de cidadania que vise a transformação a favor da equidade. Martín (2016, p. 131, tradução nossa) enfatiza: “Neste processo de revisão crítica constante do sistema patriarcal, a educação ocupa um lugar fundamental”⁷. Dessa forma, alguns dos principais passos para a pedagogia feminista crítica e decolonial, segundo Martín (2016), são:

- investigar experiências de poder e justiça, em uma postura transcultural – “enfatizar o poder das mulheres desde suas culturas e experiências próprias”⁸ (*ibid.*, p. 143, tradução nossa);
- utilizar da cidadania local para estudar a cultura do contexto, possibilidades e limitações da aprendizagem feminista, analisando as práticas da nossa realidade, além de incentivar práticas coletivas para construção da emancipação – “promover uma dimensão dialógica que se fundamente na importância da diversidade de narrativas, nas histórias de vida, nas reflexões compartilhadas e na construção coletiva de conhecimento”⁹ (*ibid.*, p. 144, tradução nossa).

Desse modo, evidencia-se a relevância de inserir o ensino sobre as mulheres na história, desde a educação básica, de forma significativa. Para tanto, recorreu-se à revisão bibliográfica para identificação de lacunas de pesquisa, por meio do descritor “história das mulheres no Ensino Fundamental I”. A pesquisa foi desenvolvida nas plataformas: Portal de Periódicos da CAPES, SciElo e Google Acadêmico. Pretendeu-se encontrar pesquisas que elencassem possibilidades de aplicação do tema para os anos iniciais do Ensino Fundamental, resultando nos indicadores do quadro 1, através da catalogação feita de acordo com o

⁷ No original: “En este proceso de revisión crítica constante del sistema patriarcal la educación ocupa un lugar fundamental”.

⁸ No original: “Enfatizar el poder de las mujeres desde sus culturas y experiencias propias”.

⁹ No original: “Promover una dimensión dialógica que se fundamente en la importancia de la diversidad de narrativas, en las historias de vida, en las reflexiones compartidas y en la construcción colectiva de conocimiento”.

Apêndice 1. Assim, por meio de 14 pesquisas encontradas entre as plataformas CAPES e Google Acadêmico – haja vista que a *SciElo* não retornou pesquisas do tema –, os dados informam:

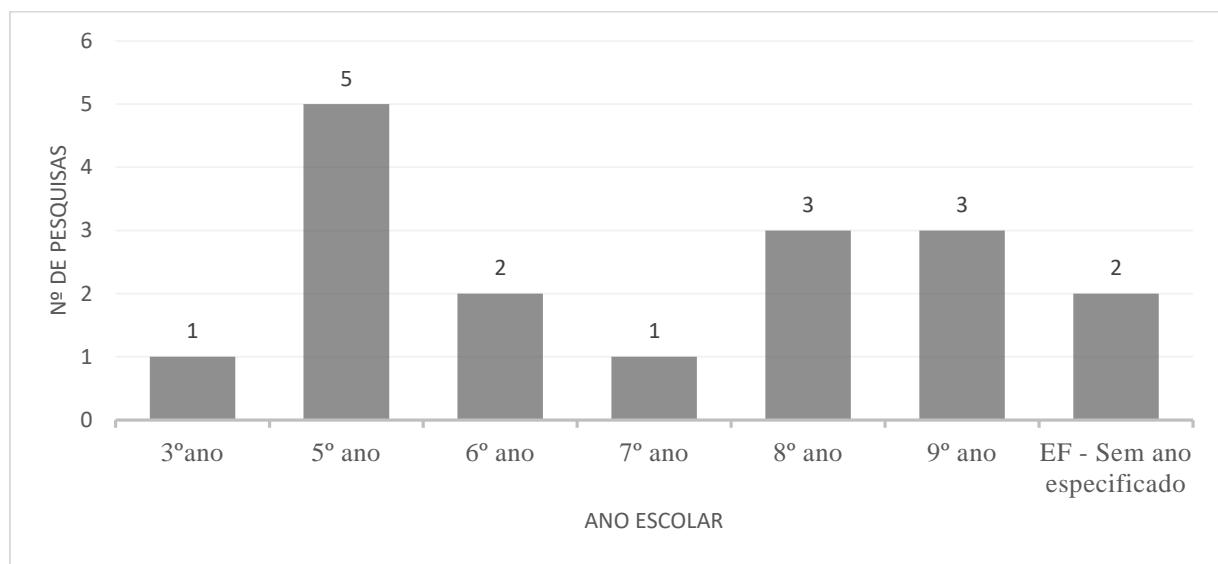
Quadro 1 - Temas centrais das pesquisas encontradas nas plataformas de busca.

Temas centrais das pesquisas	Número de pesquisas
Análise de livro didático	5
Análise de livro didático com representação feminina específica	3
Análise de produção dos educandos sobre história das mulheres	1
Proposta de aula para representação feminina específica	1
Proposta de aula sobre conscientização de temas relacionados a mulher na sociedade	1
Proposta de aula sobre história de mulheres famosas	3
Total geral	14

Fonte: elaboração própria, com base no levantamento bibliográfico realizado entre março e maio de 2025.

A partir da leitura dos resumos dos trabalhos encontrados, observou-se que as pesquisas tiveram como campo de investigação os seguintes anos do Ensino Fundamental:

Gráfico 1 - Anos escolares mencionados nas pesquisas encontradas nas plataformas.



Fonte: elaboração própria, com base no levantamento bibliográfico realizado entre março e maio de 2025.

Nesse sentido, a busca bibliográfica prévia indica que as publicações são majoritariamente sobre o uso de livros didáticos que mencionam o tema *história das*

mulheres, bem como sobre literatura acadêmica para os anos finais do Ensino Fundamental. Portanto, a inserção desse tema através de um método que aproxime os educandos das vivências femininas desde os anos iniciais é emergente, pois o tema reflete em um grupo silenciado que, através da pedagogia feminista, pode ser amparado por uma educação comprometida com a reparação histórica, resultando na luta pela equidade de gênero através da educação que rompa com a pedagogia tradicional.

Assim sendo, a pergunta norteadora deste estudo é: qual é o melhor método a ser escolhido, respeitando as especificidades da faixa etária dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

De acordo com Meihy (1996, p. 24), “em geral, as pessoas gostam de histórias e, sem dúvida, é a humanização da vida social que sensibiliza corações e a racionalidade de quantos aprendem que a história é feita pelas pessoas comuns, com sentimentos, paixões, idealizações, qualidades e defeitos”. Além disso, considera-se que a história oral é uma fonte de registros narrados por relatos de testemunhos, enfatizando a fala e a escuta, isto é, a percepção de quem narra é valiosa, uma vez que a recordação não é o fato em si, mas uma versão possível da memória do passado que ecoa na cultura do presente (Santhiago; Magalhães, 2017). Dessa forma, este projeto de pesquisa parte da hipótese de que a história oral pode ser uma metodologia adequada para ensinar história das mulheres para crianças entre seis e dez anos.

Em virtude disso, cumpre salientar que todas as estudantes que protagonizam este estudo são mulheres, portanto, o grupo acredita que a pesquisa é benéfica para a área da pedagogia feminista brasileira, podendo oferecer uma inovação sobre estudos da história oral das mulheres, para que, assim, outras meninas, estudantes, professoras e a sociedade em geral possam continuar lutando pelos direitos das mulheres, uma vez que, para Hooks (2018), nenhuma feminista nasce feminista apenas por ser mulher; as feministas se tornam feministas e, para isso, é necessária uma educação que promova a consciência.

Portanto, objetiva-se propor um projeto de história oral das mulheres em uma perspectiva feminista para os anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando, especificamente: refletir sobre o surgimento da história das mulheres e sua importância; verificar o método de história oral conceitualmente; associar o uso da história oral no ensino de história das mulheres; produzir um plano de aula sobre história oral das mulheres para cada ano do Ensino Fundamental I, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Dessa forma, para organizar o estudo do tema, este artigo está estruturado de acordo com a descrição a seguir: na próxima seção, será explanada a metodologia utilizada, enquanto as seções posteriores são análises preliminares, divididas em *Pedagogia e feminismo*, que retratará a relação do movimento com a educação, *Surgimento da história das mulheres*, que reflete sobre o contexto histórico e as motivações para legitimação desse campo de estudo, e *História oral: conceito do método*, que pretende revisar e identificar as principais técnicas do método.

Em *Discussão*, encontra-se a associação do uso da história oral para ensinar história das mulheres, assim como prioriza-se as explicações sobre aplicações didáticas do método em sala de aula, em uma articulação entre os autores estudados e a criação de planos de aula para cada ano do Ensino Fundamental I. A última seção, por fim, elenca a revisão dos principais conceitos abordados e propõe uma reflexão sobre as futuras possibilidades de exploração do tema.

Metodologia

Para alcance dos objetivos expostos, adotou-se o método qualitativo, que, segundo Martins (2004), privilegia, em resumo, as análises de ações sociais do sujeito ou do grupo, porém, analisa processos através de uma lupa micro, isto é, prioriza a qualidade em vez da quantidade, diferenciando das ciências naturais, em sua maioria, pois, para as ciências sociais em geral, há uma vasta complexidade de fenômenos que são desafiadores para serem separados de causas e motivações isoladas.

Além disso, através do método qualitativo, a pesquisa bibliográfica foi selecionada como estratégia de investigação, pois ela contribui para formulação de hipóteses ou interpretações para futuras pesquisas em temas ainda recentes (Lima; Mioto, 2007), como é o caso do ensino da história das mulheres para crianças. Os autores acrescentam:

É um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, da leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico que permite, por sua vez, um leque de possibilidades na apreensão das múltiplas questões que envolvem o objeto de estudo (Lima; Mioto, 2007, p. 44).

A pesquisa bibliográfica, portanto, reúne obras relevantes para auxiliar no tema e problema da pesquisa, trazendo reflexões reconstruídas, com fundamentos teóricos, sendo o

baixo custo de pesquisa um dos maiores benefícios práticos, uma vez que a seleção das obras pode ser feita predominantemente com material on-line. Contudo, uma desvantagem seria a análise de dados sem relevância ou credibilidade (Sousa, 2021). Assim, o quadro de revisão bibliográfica a seguir demonstra a seleção de autores e os respectivos temas relevantes para o estudo.

Quadro 2 - Seleção de autores e temas.

Autores	Temas
Bell Hooks	Educação libertária e feminista.
Irene Martínez Martín	Pedagogia feminista.
Gerda Lerner	Consciência feminista e história das mulheres.
Michelle Perrot	História das mulheres.
Circe Bittencourt	Ensino de história.
Paul Thompson	Conceito de história oral.
José Carlos Sebe Meihy	Conceito de história oral.
Ricardo Santhiago e Valéria de Magalhães	História oral em sala de aula.

Fonte: elaboração própria.

Em virtude disso, a pesquisa não deve ser reduzida apenas à revisão de literatura, havia vista que, para a pesquisa bibliográfica, é fundamental que exista diversos procedimentos que implicam em atenção ao objeto de estudo e busca de soluções, não sendo, portanto, uma revisão de literatura aleatória (Lima; Mioto, 2007). Logo, é necessário que a pesquisa bibliográfica seja “sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos” (*ibid.*, p. 44).

Nessa mesma lógica, “o autor deve se dedicar na leitura das obras consultadas, tendo uma leitura, exploratória, seletiva e crítica, na função de selecionar, classificar e solucionar o problema da pesquisa ou testar as hipóteses” (Sousa, 2021, p. 81), ou seja, a indignação, observação ou dúvida se concentra como tema da pesquisa, que será delimitado pelo problema, que deve ser provado ou solucionado.

Ademais, a criação de um projeto de história oral das mulheres para o Ensino Fundamental I, estará de acordo com o documento basal para construção de currículos e planos de aula no território brasileiro, a BNCC, que declara:

O Brasil, ao longo de sua história, naturalizou desigualdades educacionais em relação ao acesso à escola, à permanência dos estudantes e ao seu aprendizado. São amplamente conhecidas as enormes desigualdades entre

os grupos de estudantes definidos por raça, sexo e condição socioeconômica de suas famílias (Brasil, 2018, p. 15).

Além disso, a BNCC propõe a abordagem de temas que se relacionam com a vida contemporânea, como a educação em direitos humanos e a diversidade cultural (Brasil, 2018). Logo, o método qualitativo em conjunto com a pesquisa bibliográfica, apoiados nos autores e documento mencionados acima, são os condutores para que possamos solucionar o problema do estudo.

Pedagogia e feminismo

A relação do movimento feminista com a pedagogia começa a se estabelecer quando feministas propuseram o fim dos estereótipos discriminatórios de gênero nos currículos, criticando tendências machistas nos livros infantis. Ademais, foram as feministas acadêmicas que iniciaram a luta para reformar currículos que excluíam referências femininas, resgatando o pensamento de mulheres na história, o que proporcionou a transformação das salas de aulas (Hooks, 2021) e tornou fértil o terreno de estudos de gênero, como este presente projeto de pesquisa, dentro do campo pedagógico.

Partindo desse pressuposto, uma das possibilidades de aplicação da pedagogia feminista seria a promoção da consciência feminista, conceito proposto por Lerner (2022):

Eu defino consciência feminista como a percepção das mulheres de que pertencem a um grupo subordinado; de que elas sofreram injustiças como grupo; de que a condição de subordinação delas não é natural, mas determinada pela sociedade; de que elas devem se juntar a outras mulheres para reparar essas injustiças; e, por fim, de que podem e devem oferecer uma visão alternativa de organização social na qual as mulheres, assim como os homens, desfrutarão de autonomia e autodeterminação (p. 35).

Outrossim, Lerner (2022) indica que o fator dominante pela sensível e longa construção da consciência coletiva das mulheres foi a desvantagem educacional e a falta de conhecimento sobre a existência da história das mulheres:

E, por fim, o fato de que às mulheres foi negado o conhecimento sobre a existência da História das Mulheres afetou seu desenvolvimento intelectual como grupo negativamente e de forma decisiva. As mulheres que não sabiam que outras como elas haviam feito contribuições intelectuais ao conhecimento e ao pensamento criativo foram oprimidas pela noção da própria inferioridade ou, ao contrário, pelo risco da audácia de ser diferente. Sem conhecimento sobre o próprio passado, nenhum grupo de mulheres podia comparar as próprias ideias com as de suas iguais, aquelas que vinham

de condições semelhantes e vidas parecidas (Lerner, 2022, p. 35).

Seguindo tal lógica, para Martín (2016), pensar em uma pedagogia alinhada ao feminismo enquanto profissionais da educação perpassa pela importância da formação de professores em direção aos temas de gênero, fornecendo a justiça social em contraste à educação do mercado antidemocrático. Em suma, as estratégias educativas que combatem as desigualdades de raízes estruturais e os benefícios dessas estratégias enfatizam que a pedagogia feminista cria uma união com a educação e a cidadania, verificando modos alternativos para alcançar a equidade.

Surgimento da história oral das mulheres

Durante o processo de busca por uma história silenciada, Perrot (2017) elucida que o apagamento das mulheres foi mantido pelo aspecto privado de suas vidas, uma vez que, às mulheres (abastadas) foi fornecido um letramento tardio e, quando alfabetizadas, elas produziam uma literatura doméstica e de sociabilidade, como cartas (quando autorizadas) ou diários, que as próprias não acreditavam possuir valor histórico.

Diante disso, o que predominou foi a representação das mulheres pela imaginação masculina: “Ainda hoje, é a visão que o homem tem da mulher e tenta reduzi-la ou seduzi-la” (Perrot, 2017, p. 29, tradução nossa).

Todavia, segundo Perrot (2017), a história das mulheres se intensifica nos anos de 1970, através do fator político e social, como o fortalecimento do Movimento pela Libertação das Mulheres e a maior presença feminina nas universidades. O movimento, ao gerar um efeito de consciência, fez com que mulheres de diversos lugares do mundo, como França, Estados Unidos, Inglaterra, Brasil e Japão, se interessassem pela sua história, a fim de mudar as condições de opressão sofridas.

Logo, na década de 70, as questões sobre diferença entre homens e mulheres passam a gerar debates e se tornar objeto da linguística, literatura e psicanálise, além de a ideia da diferença entre sexos como construção social se estender entre antropólogos, historiadores e sociólogos (Perrot, 1995).

Dessa forma, as primeiras tentativas de mulheres em catalogar histórias femininas, a fim de memorizar suas biografias e contribuições, foram materializadas em listas de heroínas históricas ou mulheres notáveis no campo religioso. Entretanto, apesar de validar o avanço

das mulheres em escreverem sua história, também pode-se problematizar que essas listas biográficas, ainda presentes atualmente, são baseadas em como os homens fazem a historiografia (Lerner, 2022).

Nesse sentido, os homens escreveram a história a partir de ícones; logo, as mulheres, em uma busca por escreverem sua história, iniciaram com modelos inspirados no que até então era feito pela historiografia patriarcal. Porém, esse modelo de história das mulheres pode resultar em uma armadilha, pois, ao pensar em ícones da história, deve-se considerar o que as mulheres pensam sobre si mesmas e sobre suas condições sociais em coletivo, enaltecendo não apenas as “grandes” mulheres que foram favorecidas pelo sistema patriarcal, mas também as histórias das mulheres comuns que buscavam subvertê-lo (Lerner, 2022).

Partindo do pressuposto de que a historiografia tradicional invisibilizou as mulheres na história, sendo que, quando as mencionou, era sob uma imagem de inferioridade, Rambaldi e Probst (2017) mencionam que, com a Escola de Annales, reestruturou-se a Nova História, isto é, a historiografia passa a se preocupar com a história de pessoas comuns, e, portanto, a história das mulheres torna-se um objeto de estudo.

A história oral foi uma oportunidade para que fossem ouvidas as vozes daquelas que nunca tiveram chance de se pronunciar. Assim, percebeu-se que as mulheres podiam fazer e escrever história. Verificou-se, que as mulheres também precisam ter suas memórias guardadas, tanto quanto os homens (Rambaldi; Probst, 2017, p. 127).

Ademais, alguns questionamentos importantes desse processo são feitos por Perrot (Sant’Anna, 1998, p. 356): “Por exemplo, fazer uma história das mulheres é também questionar: a partir de quando, como e onde elas escrevem?”. Além da problemática da história das mulheres ser predominantemente ocidental, Perrot (1995, p. 24) também questiona: “História das mulheres ou história da relação entre sexos?”.

Assim sendo, os estágios de pesquisa sobre mulheres na história, majoritariamente feitos por mulheres, de acordo com Perrot (1995), são:

- I. interesse nas mulheres mais oprimidas, como operárias e vítimas de agressão;
- II. função do corpo e reprodução;
- III. papel feminino no coletivo, como a história do feminismo, sendo o foco desses questionamentos o acesso à educação e movimentos sociais.

História oral: conceito do método

Meihy (1996) defende que a história oral se tornou necessária no processo histórico quando desejaram contar uma “outra história”, isto é, a história de grupos que não possuem documentos oficiais, ou que são representados com inversões pela história oficial. Essas inversões ocorrem porque, normalmente, a história oficial analisa documentos escritos sobre grupos minoritários e à margem, como pobres e analfabetos, mas não pode analisar documentos escritos por esses grupos, pois não existem registros deles, tornando a história oficial dos excluídos um estereótipo de suas verdadeiras experiências e subjetividades (Meihy, 1996).

Em síntese, as elites possuem a documentação da oficialidade escrita, enquanto a história oral é uma alternativa para os silenciados, pois, “aliada da democracia, a história oral se fez um braço na luta pelo reconhecimento de grupos antes afogados pelos direitos dos vencedores, dos poderosos, daqueles que podiam ter suas histórias reconhecidas graças aos documentos emanados de seus poderes” (Meihy, 1996, p. 37).

Pensando nos grupos à margem da oficialização historiográfica, há diversas opções que podem ser estudadas através de recortes temáticos que Meihy (1996) denomina como comunidade de destino, termo para localizar as especificidades do grupo que será o foco do projeto em história oral. Esses recortes viabilizam a verificação da identidade pela memória coletiva. Portanto, alguns exemplos de comunidade de destino são: estudos geracionais, análise da história oral de uma família, classes sociais, etnias e gênero (*idem*).

Partindo desse pressuposto, a comunidade de destino *gênero* dialoga com a hipótese proposta neste artigo, haja vista que espera-se analisar o uso da história oral para ensinar história das mulheres no Fundamental I. Dessa forma, Meihy (1996) destaca a utilidade da história oral em estudos de gênero:

Outra situação clara é a que remete ao filtro “gênero”. O predomínio secular da linguagem “masculinizada” tem provocado reações nos discursos feministas. Aliás, a inclusão social das várias manifestações ligadas à afirmação da mulher é uma das virtudes proporcionadas pela história oral (p. 67 e 68).

Em relação à história das mulheres e sua conexão com a história oral da família, Thompson (1992, p. 28), ainda no século XX, contribui assertivamente sobre as

potencialidades da história oral para compreender o contexto das mulheres: “E, dada a predominância da família na vida de muitas mulheres, pelo trabalho em casa, pelo serviço doméstico e pela maternidade, verifica-se um alargamento quase equivalente do campo de ação da história da mulher”.

Os papéis de marido e mulher, a educação de meninas e meninos, os conflitos e dependência emocionais e materiais, a luta dos jovens pela independência, o namoro, o comportamento sexual dentro e fora do casamento, a contracepção e o aborto – todas essas eram, efetivamente, áreas secretas (*ibid.*, p. 27-28).

Nesse sentido, para Thompson (1992), a finalidade da história é social e implica no processo de pessoas comuns poderem se reconhecer através de diversos tipos de história, seja a local ou a da família, que gera pertencimento e eternidade, ou da história política, tradicionalmente transmitida em contexto escolar, em que o cidadão passa a entender e aceitar o sistema em que está inserido e os motivos dessa inserção. Portanto, ao refletir sobre as mudanças e revoluções do mundo, passa a refletir sobre as mudanças em si mesmo.

Contudo, a finalidade da história oral é revolucionária ao admitir que a história não precisa ser sempre uma ferramenta de mudança social, mas que pode revolucionar o próprio conceito de história com finalidade social. Partindo desse pressuposto, a história oral mostra-se relevante em quebrar barreiras, pois pode promover a aproximação entre gerações, entre o público institucional e o privado, até mesmo no contexto educador e educando, além de se destacar pela sua produção e publicação que dá voz às pessoas e suas próprias histórias (Thompson, 1992).

Assim sendo, a história oral se estabelece teoricamente e como utilidade pública em uma alternativa democrática e uma tendência contemporânea para estudar o tempo presente. Isso ocorre através da experiência de pessoas vivas, porém, o método não se limita apenas à oralidade, afinal, necessita de etapas técnicas que garantam a materialização consequente da intencionalidade (Meihy, 1996).

Dessa forma, se faz história oral com três conectores fundamentais – entrevistador, entrevistado e aparelho de gravação –, sendo sempre recomendável, principalmente em grandes projetos, a presença de um diretor e coordenador, visando que a relação entre entrevistador e entrevistado deva ser ética, consolidada por parte do entrevistador, para não interferir nos resultados das respostas do entrevistado (*idem*).

Portanto, alguns conceitos técnicos expostos por Meihy (1996), para concretizar o uso da história oral considera, em primeiro momento, as narrativas orais de testemunhos, armazenadas eletronicamente para analisar o contexto social do presente. O segundo momento refere-se à transformação dos registros eletrônicos em documentos que podem ter como propósito: “favorecer estudos de identidade e **memória cultural**” (*ibid.*, p. 17, grifo do autor).

O quarto e quinto momento se assemelham por enfatizar o uso de gravações de depoimentos para elaboração de textos escritos, como um sistema alternativo para compreender a sociedade. Todavia, o terceiro momento apresenta características para utilização da história oral em uma aplicação prática-técnica, haja vista que:

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia*) a ser entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência da fita com o texto; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados, que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Meihy, 1996, p. 17-18).

Desse modo, a seção a seguir apresenta os resultados, contendo, em suma, as propostas de plano de aula para cada ano do Ensino Fundamental I, prevendo a aplicação teórico-prática do processo detalhado acima por Meihy, isto é, a definição do grupo a ser entrevistado e todas as etapas de planejamento, gravação, transcrição, arquivamento e publicação.

Discussão

O objetivo para estudar História, analisando-se cronologicamente, era legitimar a formação do Estado/Nação e a identidade patriota. Porém, objetivar o componente curricular História desde o Ensino Fundamental I, pensando nos parâmetros modernos, revela-se com a intenção de estabelecer identidades que possam ser agentes do pensamento crítico, consequentemente, do desenvolvimento da cidadania, conceito base do papel da escola no mundo atual (Bittencourt, 2008).

Nesse sentido, para revisar o conceito de história oral, há duas citações fundamentais que podem mencionar sua relevância histórica: “É comum dizer que a história oral é tão antiga quanto a própria história. Fala-se mesmo que toda história antes de ser escrita, passou por

etapas narrativas ou outras manifestações da oralidade" (Meihy, 1996, p. 94).

Em relação à revisão conceitual desse método e sua adequação no ensino de história das mulheres para crianças, a segunda citação fornece um respaldo diante da importância da história do tempo presente como ponte dialógica para compreensão das consequências do passado na vida cotidiana: "Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que marca a história oral como 'história viva'" (*ibid.*, p.19).

Seguindo tal lógica, Santhiago e Magalhães (2017) acreditam no uso da história oral na educação básica, visto que a tradição escolar possui pouco estudo sobre o passado recente. Além disso, os autores defendem que um simples gravador pode conservar memórias e identidades, e que a linguagem e o diálogo, por sua vez, são a matéria para a comunicação da memória em transformação de patrimônio imaterial. Nesse processo de imaterialidade, o aluno pode notar que todos têm um passado e um futuro e podem se ver como produtores da história.

Segundo Ferminiano e Santos (2014), a criança pode ser estimulada a observar mudanças e permanências, assim como identificar diferenças e semelhanças através da história, pois ela fomenta o reconhecimento do educando em se visualizar no sistema de relações que formam o tempo histórico, localizando o aluno em seu contexto histórico, e oferecendo a noção de antes, agora e depois.

Nessas conexões de pessoas, comunidades, gerações e tempos, a aprendizagem pela história oral permite, portanto, que o aluno perceba que recordações comuns e experiências divididas formam identidades consequentes de um sentimento de pertencimento e responsabilidade histórica, sendo um instrumento pedagógico interdisciplinar que estimula as habilidades de senso crítico, iniciativa, curiosidade e sensibilidade com o outro (Santhiago; Magalhães, 2017).

Existem, entretanto, alguns influenciadores para aplicar a história oral em sala, que são a reação da turma para com a proposta, além do nível da turma sobre os temas que serão estudados. Diante do exposto, para a turma mostrar interesse no método, considera-se importante destacar aos alunos as vantagens dessa vertente, como, por exemplo, a utilização de uma ferramenta alternativa que gera aproximação entre a vida do aluno e saberes escolares, promovendo também a autonomia no processo de aprendizagem, pois os educandos terão participação ativa na produção de fontes (Santhiago; Magalhães, 2017).

Os autores também defendem que o método não espera que o estudante adquira conhecimento pelas respostas, mas sim pelas perguntas (William; Richard Ayers, 2012 *apud* Santhiago; Magalhães, 2017), além do contato entre entrevistador e entrevistado proporcionar a valorização dos mais velhos, da comunidade e da diversidade, uma vez que é uma opção para que se aprenda sobre fatos já conhecidos com diferentes pontos de vista, sendo todos esses aspectos importantes para noções de cidadania e igualdade, bem como para um saber autoral de prática de pesquisa e a compreensão entre vida vivida e vida ensinada.

A respeito da história oral em prática na sala de aula, apesar de Santhiago e Magalhães (2017) escreverem sobre possibilidades para o Ensino Médio, eles pontuam que as sequências didáticas podem ser adaptadas para outras faixas etárias. Sendo assim, as etapas propostas pelos autores enfatizam a justificativa do uso do método para os alunos e para a gestão escolar, além de exemplificar estágios de entrevistas, cuidados éticos e como avaliar o projeto como um todo.

Dessa forma, a primeira etapa para utilização do método é pensar o que se pretende alcançar com o projeto, como, por exemplo, estabelecer um problema que poderia ser solucionado (Santhiago; Magalhães, 2017), no caso do tema do presente estudo, a inserção da história das mulheres para diminuir o apagamento das vivências de mulheres comuns da historiografia, oferecendo uma representatividade para meninas e a consciência sobre a luta das mulheres e como os homens podem ser aliados.

Além disso, a gestão deve compreender os objetivos a curto e longo prazo e alinhar com o Projeto Político Pedagógico da escola. A partir desses acordos entre gestão e alunos, é necessário que os estudantes reflitam sobre os direitos dos entrevistados, elaborando uma carta de cessão, isto é, uma autorização de relato que pode conter o carimbo da escola para demonstrar formalidade, além de um convite que pode ser feito via e-mail, telefone ou pessoalmente com a carta convite (Santhiago; Magalhães, 2017).

Nesse convite e primeiro contato com o entrevistado, é essencial que seja mencionado os objetivos do projeto, bem como deve ser direito do entrevistado escolher anonimato ou decidir aspectos do relato que serão autorizados. Ademais, as famílias dos estudantes também devem ser comunicadas sobre o projeto e incentivadas a participar e/ou acompanhar as entrevistas (Santhiago; Magalhães, 2017).

Além disso, os autores sugerem etapas para familiarização dos alunos com as técnicas

de entrevistas, que devem ser selecionadas e propostas em ordem, para construção de um projeto aplicável para as faixas etárias do Ensino Fundamental Anos Iniciais (EFAI).

Desse modo, o plano de aula, elaborado para este trabalho, para cada ano do EFAI, alinhado com a BNCC, será indicado, nas seções seguintes, com o tema da aula, sigla (em negrito) e a habilidade escolhida correspondente à sigla, seguido do detalhamento da aula proposta.

Ademais, para criação de cada plano de aula, foi feita uma articulação entre os principais autores selecionados na pesquisa bibliográfica, a fim de realizar uma associação entre o método e o ensino de história das mulheres com os conceitos da BNCC para ensino de História.

Nesse contexto, um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania (Brasil, 2018, p. 400).

Partindo desse pressuposto, a avaliação proposta do projeto é processual e contínua, isto é, os resultados devem ser analisados e revisados de maneira que possa ser verificado o progresso dos objetivos alcançados através de habilidades adquiridas pelos educandos, processualmente, identificando as reflexões advindas dos questionamentos e problematizações consequentes de cada plano de aula, mas também da conscientização sobre o tema em diversos contextos escolares ao longo do EFAI.

Nesse sentido, para o 1º e o 2º anos, a proposta é que a avaliação do projeto seja feita após a aplicação do plano de aula, através de rodas de conversas que possibilitem a escuta das falas dos estudantes em relação aos pontos marcantes das entrevistas realizadas. Enquanto, para o 3º ano, indica-se a avaliação de pares, que estimula a sensibilização, ao avaliar o colega na participação do projeto, e a recepção para ser avaliado por colegas com o mesmo nivelamento acadêmico.

Para o 4º ano, recomenda-se uma ficha de autoavaliação, em que o próprio educando verifica sua assiduidade e avanço na entrevista, além de reflexões propostas. Segundo tal lógica, para avaliar o último resultado do projeto no 5º ano, a proposta foi da publicação de um material de divulgação. Diante do exposto, seguem os planos de aulas.

1º ano – Conhecendo a história de uma funcionária da escola

(EF01HI06) *Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.*

Referente às demandas desse ano escolar, os alunos podem ser incentivados, primeiramente, a descobrirem mais sobre seus próprios colegas de sala, sendo divididos em grupos que entrevistarão uns aos outros, uma vez que cada grupo deverá criar perguntas a serem feitas para os integrantes dos outros grupos. O educador pode realizar o projeto durante alguns dias, para que os estudantes possam selecionar fontes de memórias para serem expostas nas entrevistas, como fotos e brinquedos, já estimulando os estudantes a pensarem quais objetos ou documentos podem ser fontes de memória e para que possam se reconhecer como sujeitos históricos.

Após a primeira etapa, com toda a turma reunida, o educador deve fazer a primeira entrevista formal da turma, convidando uma ou mais funcionárias da escola para a sala de aula, com foco na história oral de vida¹⁰, visto que vez que Santiago e Magalhães (2017) acreditam que a presença do professor nas primeiras entrevistas é importante, assim como a participação de toda a turma é fundamental para que alunos menos extrovertidos possam se sentir à vontade com o processo de entrevista.

Ainda dentro da sala, a entrevista acontecerá de modo coletivo, com os alunos possuindo um roteiro com curiosidades que devem ser perguntadas (já elaborados pela turma em coletivo), estimulando o respeito pelo entrevistado e a sensibilidade na escuta, além de já serem preparados para utilização de lápis e papel para escreverem o nome do entrevistado, a data e o local da entrevista, como, por exemplo: Daniela, cozinheira da escola, dia xx/xx/xxxx, sala de aula. Além disso, nesse primeiro momento, os alunos não precisarão gravar a entrevista, visto que o educador pode se responsabilizar por esse detalhe devido à idade correspondente ao 1º ano.

Após a entrevista, o educador deve fazer uma avaliação com a turma sobre quais oportunidades foram perdidas na entrevista e analisar aspectos narrados pela entrevistada após escuta coletiva e discutida da gravação, a fim de que os estudantes possam verificar detalhes já esperados ou não sobre a vida e o cotidiano de mulheres, tema que já deve ter

¹⁰ A história oral de vida, de acordo com Santiago e Magalhães (2017), vislumbra que o entrevistado relate sobre sua vida, em uma espécie de autobiografia.

sido abordado anteriormente através da literatura infantil, como biografias de mulheres na história, parte característica do momento pré-entrevista, em que os alunos farão a pesquisa temática, nesse caso, sobre as semelhanças entre as vivências de mulheres. Sobre a pesquisa temática:

A relação passado/presente não se processa de forma automática, pois exige o conhecimento de referências teóricas capazes de trazer inteligibilidade aos objetos históricos selecionados. Um objeto só se torna documento quando apropriado por um narrador que a ele confere sentido, tornando-o capaz de expressar a dinâmica da vida das sociedades (Brasil, 2018, p. 397).

2º ano – Mulheres da família/comunidade e a relação com a amizade feminina

(EF02HI02) *Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades.*

(EF02HI04) *Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário.*

Nesse ano escolar, os alunos poderão entrevistar uma mulher da família ou alguém de sua comunidade, como uma vizinha ou até mesmo a professora. A história oral temática pode ser utilizada, com perguntas relacionadas às questões sobre amizade entre mulheres, buscando promover conceitos de irmandade e sororidade, assim como de valorização das mulheres para além de mães, esposas ou profissionais, uma vez que as crianças podem visualizar as figuras femininas de seu convívio para além do ambiente familiar, incentivando a ideia de que mulheres são seres humanos e que podem, através de redes de apoio e amizades, se fortalecer enquanto grupo.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a história oral também pode ser feita individualmente, pois nem sempre é realizada em grupos, visto que os conjuntos de entrevistas podem ser feitos com uma pessoa ou com um coletivo. Acerca das entrevistas individuais e suas particularidades em contraste com entrevistas grupais, Meihy (1996, p. 61) esclarece que “toda narrativa tem um conteúdo de passado, contudo é preciso distinguir a memória individual da coletiva ou grupal. A memória pessoal é biológica e psicológica, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente”.

Entretanto, o autor elucida a principal característica da história oral individual e sua conexão com o coletivo: “Cada indivíduo é único, sua inscrição no coletivo se dá mediante

decisões temáticas afins. Por outro lado, a experiência coletiva se manifesta nos indivíduos explicando sua relação com o mundo. É por isso que se diz que a história oral individual, além de social, é cultural" (*ibid.*, p. 81).

Partindo desse pressuposto, nessa faixa etária, espera-se que os alunos, em maioria, possam escrever as perguntas e, com a ajuda de um familiar em uma tarefa de casa, possam gravar a entrevista com auxílio de um celular, e que a família possa encaminhar o áudio para o educador. Após o dever de casa, a sala poderá ouvir as entrevistas realizadas e identificar semelhanças e diferenças das entrevistadas, a fim de contextualizar as práticas das mulheres próximas dos estudantes.

A história do tempo presente, isto é, fazer com que o aluno perceba e analise as pessoas comuns, é uma abordagem conhecida como história do cotidiano, com enfoque na vida privada como conteúdo para entender o processo histórico dos temas tradicionais, estabelecendo ligação com a história cultural (Bittencourt, 2008).

Os autores que se ocupam da história do cotidiano, mesmo com posturas diversas em seus fundamentos teóricos, buscam recuperar as relações mais complexas entre os diversos grupos sociais, estabelecendo conexões entre conflitos diários que se inserem em uma forma de política contestatória, e identificar as lutas das resistências a mudanças, o apego a tradições (Bittencourt, 2008, p. 167).

Dessa forma, nos projetos de história oral nas escolas, o tema família é sempre indicado, pois oferece como base os conhecimentos do próprio aluno, centrando o projeto na criança e, portanto, criando um vínculo com a aprendizagem e aproximando as famílias da escola, através do compartilhamento de fotos, cartas e demais registros familiares (Thompson, 1992).

3º ano – Pesquisa de fontes históricas sobre mulheres da região e do país

(EF03H107) *Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.*

(EF03H102) *Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.*

Nesse ano escolar, os estudantes podem pesquisar coletivamente sobre algumas mulheres conhecidas, que impactaram a história de sua cidade e região, e sobre mulheres

famosas, que influenciaram a história de seu país, como artistas, cientistas ou ativistas. A partir disso, devem buscar entrevistas orais realizadas anteriormente e selecionar outras fontes históricas sobre a vida delas, para que possam comparar com suas próprias impressões.

A reflexão e o pensamento crítico sobre a presença de mulheres em espaços públicos em comparação com a de homens e as diferenças de oportunidades são temas passíveis de debates. Além disso, a atividade propõe contato com entrevistas já publicadas por meios de comunicação maiores, o que Santhiago e Magalhães (2017) consideram como um material também significativo para compreensão da história oral registrada. Sobre a utilização de fontes diversificadas, a BNCC declara:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história (Brasil, 2018, p. 398).

Além disso, para Bittencourt (2008), o ensino de História para os anos iniciais do Ensino Fundamental se desdobra em currículos que propõem desenvolver os estudantes para compreender gradualmente o tempo histórico, isto é, o antes e depois, a geração e a duração, através de articulações que comecem com objetos próximos do aluno, como o local, avançando para o regional, nacional e internacional.

Outrossim, de acordo com Thompson (1992), a história oral como metodologia é indicada para trabalhos em grupos, uma vez que, quanto mais pessoas no projeto, mais oportunidades de contatos para entrevista serão possíveis, incluindo grupos de classes sociais e gerações diferentes. Ademais, o autor afirma que “o projeto em grupo é ao mesmo tempo pesquisa e ensino, inextricavelmente mesclados, em consequência do que ambos acabam sendo feitos com mais eficiência” (*ibid.* p. 31).

4º ano – Entrevista e autobiografia

(EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.

Considerando a alfabetização já esperada, com a capacidade de registro e produção mais bem elaborada, os estudantes podem escrever sua própria autobiografia, em uma espécie de linha do tempo, e escolher uma mulher que admiram para realizar uma entrevista de história oral de vida, já podendo manejar a gravação do áudio e realizar, por exemplo, uma minutagem de categoria de temas, que, segundo Santhiago e Magalhães (2017), é uma possibilidade para análise detalhada da experiência da entrevista.

Segundo a BNCC (Brasil, 2018, p. 397), “o exercício do ‘fazer história’, de indagar, é marcado, inicialmente, pela constituição de um sujeito. Em seguida, amplia-se para o conhecimento de um ‘Outro’, às vezes semelhante, muitas vezes diferente”, isto é, busca-se aprofundar o “eu” e o “outro” e a conexão entre eles. Sobre a utilização do “outro” como referência na criação de representatividade:

Os traços da narrativa histórica distinguem-se pela intenção de aprofundar a realidade, pela busca documental e cuidado metodológico, pela extensão de seu projeto e de suas problemáticas (provenientes da história-problema), que evidenciam personagens representativos de grupos sociais, e pelas temporalidades mais complexas (Bittencourt, 2008, p. 143).

Em síntese, ao pensar em ensino histórico que vise a noção identitária, o educador pode utilizar da história como narrativa dos fatos passados, na qual os personagens podem, portanto, gerar sentimento de identidade nos estudantes, pois a narrativa histórica possibilita conhecer o passado pelas experiências dos sujeitos no processo histórico (Bittencourt, 2008).

Posteriormente, o estudante poderá criar a linha do tempo da entrevistada e compará-la com a sua própria linha do tempo, analisando a infância no presente com a de mulheres no passado, para que possam identificar as transformações ao longo do tempo, verificando as interferências no modo vida, como, por exemplo, desde a utilização da tecnologia até os brinquedos e brincadeiras impostos às meninas no passado.

5º ano – História oral das mulheres: projeto final

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

(EF05H109) *Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.*

O último ano do EFAI é considerado sintetizador de todo o processo do projeto de história oral, implementado desde o 1º ano. Dessa forma, nesse momento, os alunos devem realizar um projeto que consiste, segundo Santhiago e Magalhães (2017), na pesquisa prévia temática, contato com o entrevistado, convite, gravação do áudio, transcrição, análise sensibilizada/crítica, divulgação do material para a escola e comunidade, retorno da cópia da gravação e divulgação para o entrevistado.

Diante do exposto, a entrevista deverá ser temática, focando na mulher no mercado de trabalho ou nas violências sofridas pelas mulheres na sociedade, sendo relevante analisar em qual tema os estudantes possuem maior interesse, a fim de promover reflexão e pensamento crítico sobre esses assuntos.

Contudo, os alunos podem escolher se realizarão o projeto individualmente ou em grupos, bem como qual mulher, ou grupo de mulheres, de seu círculo social (ou não) será entrevistada. Além disso, devem ter autonomia para utilizar um gravador ou uma câmera, haja vista que a imagem e o áudio podem capturar gestos e expressões, aumentando a riqueza de percepção do narrador.

Ademais, os alunos podem decidir se estarão acompanhados do educador, da família ou se estarão sozinhos no momento da entrevista, com ciência da escola e da família. E por fim, como irão divulgar o material, que será exposto e utilizado como recurso avaliativo do projeto, segundo Santhiago e Magalhães (2017), poderá ser divulgado através de websites, posters ou vídeos.

Espera-se que o educador crie aulas prévias, que foquem na pesquisa dos estudantes sobre a conquista de direitos das mulheres e sobre a luta desse grupo para alcance da equidade e exercício da cidadania, bem como na reflexão sobre a história das mulheres ter sido silenciada por muitos anos da história tradicional, relembrando que o projeto busca, exatamente, cumprir com a inserção das mulheres comuns na historiografia.

Além disso, Santhiago e Magalhães (2017) enfatizam o processo de transcrição da entrevista, mencionando que o aluno deve escrever palavra por palavra e utilizar colchetes para descrever expressões, porém, apenas em momentos marcantes.

Uma técnica de transcrição importante é a criação de palavras-chave por tema, que

terão uma cor específica, para que os textos possam ser comparados entre semelhanças e diferenças dos mesmos marcadores. Assim sendo, as gravações e transcrições podem ser armazenadas pela escola em CD, pen drives ou nuvens de armazenamento (Santhiago; Magalhães, 2017).

Após todo o processo realizado, os estudantes e o(s) educador(es) – haja vista que a história oral pode ser trabalhada de maneira interdisciplinar – devem avaliar a experiência e os conhecimentos adquiridos com o método em conjunto com outras fontes de pesquisa utilizadas para o projeto desde o 1º ano até o 5º ano, assim como deve ser estimulado o pensamento crítico em relação a história das mulheres, desigualdade, luta por direitos e alcance deles.

Portanto, como Bittencourt (2008) sinaliza a importância da representatividade de grupos sociais, pode-se relacionar a mulher como personagem no processo histórico coletivo e privado, em busca de fazer com que o estudante, desde a infância, consiga visualizar as mulheres na história a partir de narrativas.

Em virtude disso, verificou-se que a matéria de História pode diminuir a desigualdade de gênero através de currículos que abordem a história das mulheres, porém, não é necessário fragmentar esse tema, colocando as mulheres e suas histórias como uma discussão a parte e isolada das demais temáticas, “mas inseri-las nas aulas como participantes do processo histórico” (Rambaldi; Probst, 2017, p. 127), utilizando do passado para problematizar as lutas ainda atuais.

Dessa forma, a ruptura entre instituição escolar e mundo ocorre com a aplicação da história oral como metodologia de aprendizagem baseada em projetos, quando se evidencia que em grupos ou individualmente, em qualquer modalidade de ensino, a história oral pode abranger diversos temas contemporâneos e pessoas, contribuindo para estudos da história imediata (Thompson, 1922).

Considerações finais

Através da perspectiva feminista na educação, defendida por autoras como Hooks e Martín, o presente artigo priorizou a relevância da história das mulheres para promoção da consciência feminista desde os anos iniciais do currículo brasileiro, uma vez que foi identificado que a inserção do tema no Ensino Fundamental I não é predominante nas pesquisas acadêmicas nacionais.

Esse problema de pesquisa gerou a pergunta sobre qual método seria adequado para introduzir o tema nos anos iniciais, ocasionando, portanto, na hipótese da história oral como abordagem possível para o objetivo de propor um projeto sobre mulheres para crianças de 6 a 10 anos.

Partindo desse pressuposto, de acordo com os autores selecionados através do método de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, refletiu-se sobre o alinhamento da pedagogia com o movimento feminista, que busca retomar a presença das mulheres nos currículos escolares. Além disso, foi corroborado que o surgimento da história das mulheres partiu de uma crescente feminista na década de 70, em que a História passou a validar as vivências de grupos até então silenciados pela tradição historiográfica.

Desse modo, o método da história oral foi revisado conceitualmente e tecnicamente, inferindo a necessidade da ética nas entrevistas e na adequada gravação, publicação escrita e retorno dos resultados para os entrevistados. Ademais, foi compreendido que o método recorre à memória e interpretação de sentimentos identitários dos grupos de destinos, sendo as mulheres um grupo privilegiado pela história oral.

Dessa forma, foram criados cinco planos de aula utilizando o método oral, alinhados à BNCC, em articulação com o ensino de História, a fim de valorizar a presença das mulheres no cotidiano, promovendo noção de sujeito histórico e buscando reparar as experiências de avós, mães, filhas, irmãs, professoras e figuras femininas da comunidade, assim como mulheres reconhecidas em âmbito regional e nacional. Em suma, os planos partem das mulheres mais próximas da realidade do educando e se ampliam para temas como amizade entre mulheres e mercado de trabalho.

Portanto, indica-se que a aplicação dos planos de aula possa ser tema de futuras pesquisas, contribuindo para a continuação do projeto. Além disso, considera-se que o tema estudado é benéfico para inovação dos estudos da pedagogia feminista no Brasil e que a educação deve ser uma ferramenta para libertação de meninas e mulheres, sendo a história oral das mulheres uma metodologia possível para inserção desse assunto na educação básica.

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, C. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

FERMINIANO, M. B.; SANTOS, A. S. dos. **Ensino de História para o Fundamental 1**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014. *E-book*. ISBN 9788572448338. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788572448338/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, B. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. Tradução de Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

LERNER, G. **A criação da consciência feminista**: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2022.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MARTÍN, I. M. Construcción de una pedagogía feminista para una ciudadanía transformadora y contra-hegemónica. **Foro de Educación**, n. 20, p. 129-151, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5354751>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MARTINS, H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29830207>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p. 9-28, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PERROT, M. **'Mon' histoire des femmes**. Paris: Média Diffusion, 2017.

RAMBALDI, A. K.; PROBST, M. As mulheres representadas nos livros didáticos: história do brasil. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 5, n. 3, p. 123-134, 2017. Disponível em: <https://periodicosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/educacao/article/view/2743>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SANT'ANNA, D. B. de. A força da memória e da pesquisa histórica. Entrevistada: Michelle

Perrot. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, p. 351-360, 1998. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11133>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. **História oral na sala de aula**. São Paulo: Autêntica, 2017.

SOUSA, A. S. de; OLIVEIRA, G. S. de; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em:
<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 30 mar. 2025.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Apêndice 1

Site de busca	Título	Tema central da pesquisa	Faixa etária de ensino da pesquisa
Scielo	Sem resultados encontrados	Sem resultados encontrados	Sem resultados encontrados
Capes	O uso de história de mulheres em aulas do ensino fundamental: existir, resistir e persistir é preciso	Proposta de aula sobre história de mulheres famosas	5º ano
Capes	Imagens de mulheres indígenas no livro didático: uma abordagem decolonial	Análise de livro didático com representação feminina específica	7º ano
Capes	Livros didáticos de história: uma análise sobre as representações de mulheres	Análise de livro didático	5º ano
Capes	Olhares sobre as mulheres da antiguidade em livros didáticos: (des)construindo esteriótipos de gênero?	Análise de livro didático com representação feminina específica	6º ano
Capes	A representatividade da mulher assentada no livro didático de Escolas do Campo	Análise de livro didático com representação feminina específica	5º ano
Capes	As escrevivências das Marias da Conceição: construção de narrativas históricas situadas	Análise de produção dos educandos sobre história das mulheres	8º e 9º anos
Capes	Mulheres na ciência: o uso do teatro de fantoches como possibilidade para divulgar a cientista brasileira Bertha Lutz nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	Proposta de aula sobre história de mulheres famosas	3º ano
Capes	Educar para (trans)formar: caminhos de desconstrução do machismo	Proposta de aula sobre conscientização de temas relacionados à mulher na sociedade	8º ano
Capes	Ao menos aqui, as mulheres têm voz? Temas sensíveis, percursos temáticos e a História da Grécia Antiga para o Ensino Fundamental	Proposta de aula para representação feminina específica	Ensino Fundamental, sem ano especificado
Capes	Ações extensionistas no túnel do tempo: meninas e mulheres na história da ciência.	Proposta de aula sobre história de mulheres famosas	Ensino Fundamental, sem ano especificado
Capes	Relações de gênero e educação: as imagens dos livros didáticos reforçam ou desconstroem os estereótipos de gênero?	Análise de livro didático	5º ano
Google Acadêmico	A mulher preta na historiografia brasileira: análise da ausência de mulheres negras em livros didáticos de História do Ensino Fundamental II e Ensino Médio	Análise de livro didático	6º, 7º, 8º e 9º anos e Ensino Médio
Google Acadêmico	A ausência/presença da história das mulheres nos livros didáticos – Ensino Fundamental II	Análise de livro didático	9º ano
Google Acadêmico	O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero nos livros didáticos de história	Análise de livro didático	5º ano